

IBN EL-RUMI

Helmi Nasr

I

Foi o maior poeta que apareceu em Bagdá durante o século IX. Seu nome era Ali Ibn El Abbas Ibn Guraig. Descendia de gregos como se deduz pelo nome do avô e era conhecido por Ibn El-Rūmī, que significa filho de estrangeiros. Sua mãe era persa. Nasceu em 835 e não se sabe quase nada de sua infância. Contudo, através de sua poesia, sabe-se que o pai morrera em sua adolescência e que fora criado pela mãe e um irmão. Revelou desde cedo forte vocação para os estudos e em particular para a poesia. Frequentou então as aulas dos sábios e literatos da época e conseguiu adquirir uma grande cultura não só nas letras como também nos vários ramos dos conhecimentos filosóficos e não filosóficos. Fez poesias repletas de eloquência e doçura. Foi solicitado em todas as reuniões e cerimônias de Bagdá e recebido calorosamente pelos Ministros, grandes personalidades, Governadores e Comandantes. Elogiando-os em seus versos obteve a recompensa.

Sua vida começou com grandes êxitos, mas tudo foi efêmero. Tornou-se neurótico e sentia uma imensa amargura e em conseqüência, atacou impiedosamente todos, mesmo aqueles que lhe fizeram o bem e para com ele foram generosos. Estes lhe fecharam as portas e acabou na miséria. O destino foi-lhe cruel, levando-lhe também os três filhos, a mulher e o irmão, um após outro, ainda em sua vida. Assim, Ibn El-Rūmī não foi feliz em sua vida material, pessoal, familiar e social. Isolou-se, não quis ver ninguém. Tornou-se um poeta cheio de pessimismo sem igual na literatura árabe.

Conta-se que o Ministro Al Kassim Ibn Obaid Allah, zangado com seus insultos, colocou-lhe veneno na comida e Ibn Rūmī morreu em 896, mas há quem diga que a história é falsa e que o poeta morreu de morte natural, devido às suas enfermidades.

II

Ibn El-Rūmī deixou uma coleção enorme de poesias. Apenas uma parte delas foi publicada, pois a maioria encontra-se ainda em manuscritos. Publicada, a sua obra abarcaria dois volumes ou mais; sua produção ultrapassa, em muito, a de qualquer poeta árabe. Seus poemas são longos e alguns deles contam mais de cem versos. O elogio não era o tema preferido por Ibn El-Rūmī, como foi o caso de Al Buhturi e Abu Tamman. Ao contrário, parece que não gostava de fazer elogios e, quando os fez, tentou desfazê-los noutro poema de insulto mordaz, gênero que, aliás, se coadunava perfeitamente com o seu temperamento. Pode-se dizer que foi o maior insultador da língua árabe. Seus insultos eram mesclados de ironia, deformação e ampliação dos defeitos da pessoa visada.

Todavia, as desgraças que o atingiram, fizeram dele o cantor máximo das elegias. O poema que fez pela morte de seu segundo filho é considerado uma das mais belas páginas da literatura árabe pela sutileza com que expressa seus sentimentos diante da morte e capacidade de atingir o leitor com sua tristeza infinita.

Ibn El-Rūmī dedicou-se não somente aos temas de insulto e elegias, mas à descrição da natureza, que tanto amou e com a qual viveu a maior parte do tempo. Apaixonou-se por ela, cantou a sua beleza, assinalando de maneira profunda as suas interligações.

III

De grande talento, parece que se dedicou a todos os ramos da cultura e em particular à filosofia, na qual se aprofundou como ninguém o fizera jamais. Era da seita mutazilita, dos muçulmanos do pensamento livre. Como os adeptos desta doutrina, ele usa a filosofia não somente em termos vagos, mas com silogismos finos e conseqüentemente sua poesia é clara e cheia de lógica. Às vezes, parece mais prosa, pois sua linguagem é de raciocínio, contrária à linguagem comum da poesia. Possui o dom de expor as idéias partindo das mais simples considerações às mais complexas. A linguagem da poesia não conhece, normalmente, as explicações demasiadamente detalhadas. Ibn El-Rūmī, porém, saiu deste sistema e usa na poesia as regras da prosa. Por este motivo seus poemas são demasiadamente longos. No entanto, são harmoniosos e seus versos estão inter-relacionados e revelam unidades perfeitas não só no tema como também no estilo.

Vejamos os versos:

- 1 — “Porque presente as desgraças da vida a criança chora ao nascer”
- 2 — “E por que haveria de chorar, se a vida aqui fora é ampla e mais propícia?”
- 3 — “Ao primeiro sopro de vida recebe a ameaça do mal que vai encontrar”
- 4 — “A alma não raras vezes percebe a incógnita que se vai revelar”

Bastaria ao poeta o primeiro verso para expressar o seu pensamento. Mas, Ibn El-Rūmī insiste em divagar nos versos seguintes, à guisa de esclarecimento. Tal fato, porém, não desvaloriza o aspecto artístico de sua poesia, sobretudo por dois motivos:

- 1 — Inventou, na sua linguagem, muitos significados novos capazes de agradar ao leitor levando-o da surpresa à admiração.
- 2 — Conservou em sua poesia os sistemas clássicos da musicalidade, usando imagens inéditas que surpreenderam seus contemporâneos.

TEXTO

Poema em que chora a morte de seu filho Mohamed.

- 1 — Vosso* choro alivia, embora nada resolva. Vertei pois, generosamente, as lágrimas porque perdi algo tão valioso quanto vós.
- 2 — Amaldiçoada a morte e a sua maneira de ferir intencionalmente as profundezas do coração.
- 3 — A desgraça da morte atingiu o meu segundo filho. Deus meu, por que ela escolheu a jóia mais preciosa do colar?
- 4 — Quando eu apenas percebera esperança em seus traços e a maturidade em suas ações.
- 5 — A morte mo roubou e sua sepultura, embora distante, está perto; e perto, embora esteja distante.
- 6 — A morte cumpriu sua ameaça e falharam as promessas de esperança.
- 7 — A sua vida entre o berço e o túmulo foi efêmera, de tal modo que ele não esqueceu o tempo do berço ao baixar ao túmulo.
- 8 — A hemorragia freqüente mudou-lhe a cor rosada em açafrão.

(*) — Referindo-se aos seus olhos.

- 9 — Em meus braços perdeu a vida e murchou como a planta aromática.
- 10 — Lamento que sua alma se tenha esvaído aos poucos, como as pérolas que escapam de um fio partido.
- 11 — Espanta-me ver como meu coração não se partiu com a sua morte, mesmo que fosse mais resistente que a pedra mais resistente.
- 12 — Não me agradou trocá-lo por uma recompensa, ainda que esta fosse a permanência no paraíso eterno.
- 13 — Não o troquei por vontade própria; mo usaram e nada se pode fazer contra a injustiça do destino.
- 14 — E após sua morte, embora satisfeito com meus dois filhos, lembrar-me-ei dele como o velho camelo de Najd.
- 15 — Nossos filhos são como órgãos dos nossos sentidos. A falta de um deles será dolorosa e evidente.
- 16 — Cada qual ocupa o seu lugar. Nenhum preenche a falta do outro quer no fraço, quer no forte.
- 17 — Ao perder a audição, poderão os olhos substituí-la? Ou a audição, ao perder os olhos, orientará como eles?
- 18 — Eu, juro que a minha vida mudou com a sua morte. Gostaria de saber como a dele mudou com a nossa separação.
- 19 — Com ela perdi toda a minha alegria quando o perdi, e tornei-me asceta a respeito dos prazeres da vida.